

## **Desafios da alocação de recursos em saúde**

Sérgio Ibiapina F. Costa<sup>1</sup>

Em todos os países do mundo, uma das maiores preocupações sanitárias do século consiste em aplicar racionalmente escassos recursos em saúde, com o propósito de atender as demandas dos seis bilhões de habitantes do planeta. Não é verdade que a população esteja mais doente nos dias de hoje. Também não é verdade que, atualmente, todos estejam recebendo tratamento sanitário com equidade. Há registros de desigualdades inaceitáveis no trato das questões da saúde, motivadas por uma série de fatores, as quais podem-se creditar, particularmente, ao egoísmo dos países ricos em detrimento dos países mais pobres. Aliás, Tomás de Aquino, há mais de sete séculos, chegou à conclusão lógica de que “as coisas que possuímos em superabundância são devidas por direito natural ao sustento dos pobres”. Quais as razões que justificam olhar o mapa do continente africano e identificar bolsões de pessoas vivendo na miséria, cujo gasto per capita em saúde situa-se em torno de 10 dólares por ano?

Abstraindo-se a vergonhosa situação de fome, miséria e doença em que vivem os irmãos africanos que habitam grande parte do território situado na região sub-Saara, convém enfatizar que países em desenvolvimento estão sempre questionando qual a maneira mais racional para combater e equacionar os problemas de atenção básica à saúde, a exemplo das epidemias de dengue, tuberculose, malária, calazar, Chagas, Aids e infestações parasitárias com as suas conseqüências.

Acrescente-se, aos países em desenvolvimento, a caudalosa violência urbana, seja em decorrência da maior quantidade de veículos circulantes, seja pelo uso de armas contra os semelhantes e, por fim, o exagerado consumo de drogas nas diferentes camadas sociais, arrastando consigo crianças e adolescentes que terminam em zonas de conflitos e participando de bandos e quadrilhas, gerando mais violência, ao mesmo tempo em que se tornam vítimas em tenra idade. Recentemente, um pai atônito, ao ser entrevistado, clamava por ajuda policial para manter o filho de 11 anos em unidade prisional, acusado de latrocínio e de mais de uma dezena de outros delitos graves.

---

<sup>1</sup> Médico, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Bioética

Para os países mais afortunados, que reservam gastos individuais superiores a três mil dólares por ano com a saúde de seus habitantes, os desafios são bem diferentes, porém não deixam de ser relevantes. Dentre as causas de gastos crescentes desses países, é possível enumerar o envelhecimento exponencial da população e a exteriorização de doenças peculiares da chamada quarta idade (pessoas com mais de 85 anos), tais como: doenças cardíacas, câncer e Alzheimer. Nesses países, os pacientes nos últimos seis meses de vida consomem cerca de 50% do montante destinado à saúde, durante toda a sua existência.

Os profissionais da saúde que têm acompanhado há mais de três décadas o progresso técnico-científico são capazes de testemunhar as limitações impostas, para diagnosticarem e tratarem enfermidades, até o último quartel do século passado. Na atualidade, dispõe-se de enorme arsenal oriundo das indústrias de equipamentos hospitalares, tanto para procedimentos diagnósticos como para utilização terapêutica, fazendo com que o custo-saúde assuma proporções crescentes, imprevisíveis e preocupantes. É dispensável indagar se alguém, na atualidade renuncia ao uso da tecnologia em benefício próprio. Com certeza, não. Em alguns casos, registra-se até o abuso tecnológico, mediante a repetição de exames desnecessários ou o emprego de tratamento fútil, que nada acrescentam a uma enfermidade em curso.

Calcula-se que o profissional de saúde, por meio de suas prescrições, é responsável por 70% do total dos recursos disponibilizados pelos orçamentos destinados à saúde da população. A pergunta que muitos fazem é: todo esse arsenal técnico-científico está sendo utilizado de maneira correta, em benefício dos necessitados, minimizando custos e levando a resultados promissores? Afinal, o que de fato oferece a tecnologia e o que a torna tão discutida e sedutora, se somente se faz acessível a segmento social restrito?